

## RELIGIÃO E MEDO: ASPECTOS HISTÓRICOS E O USO DO MEDO PELO NEOPENTECOSTALISMO BRASILEIRO

Paulino Augusto Peres<sup>1</sup>

**Resumo:** O medo está presente em todos os momentos da vida humana, é um sentimento de toda a criatura viva, inclusive dos animais, e gerador das mais variadas gerações, desde a fuga até a agressão. Os seres humanos, porém, conhecem algo além do medo instintivo: uma espécie de medo em “segundo grau”, um medo por assim dizer, social e culturalmente reciclado. Um medo que seria, na realidade, angústia e ansiedade. Nossa pesquisa pretende identificar aspectos desta dimensão do medo humano no discurso religioso neopentecostal no Brasil, com a suspeita de que seu tom ameaçador tem a função de gerar submissão e obediência através da apresentação do mal como as dificuldades financeiras e a falta de saúde. Esse medo que angustia sempre foi presente na humanidade, mas na sociedade moderna capitalista ele se apresenta de forma adequada ao contexto histórico contemporâneo. As igrejas neopentecostais conseguiram uma junção entre o medo mágico-religioso com o medo social-secularizado.

**Palavras-chave:** religião; medo; neopentecostalismo; Brasil.

### INTRODUÇÃO

Esclarecer a relação entre religião e medo, mais precisamente neopentecostalismo e medo é uma busca de desmistificação desse aspecto presente no discurso religioso. Aspecto que vem estado quase que ausente nos trabalhos acadêmicos. Será que essa “ausência” se dá devido a um também ausente discurso do medo neopentecostal? E se esta apropriação do medo social pelo neopentecostalismo realmente existe, de quais formas ele se apresenta e porque é tão imperceptível? E se utilizam o medo como forma

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela UNESPAR - Paranavaí (Universidade Estadual do Paraná), pós-graduado em Didática e Tecnologia na Educação pela FATECIE (Faculdade de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná) e mestrando no projeto de Mestrado Profissional em Ensino de História pela UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) em parceria com a UNESPAR – Campo Mourão (Universidade Estadual do Paraná).

de persuasão, o fazem de maneira sagaz ou ingênua? E ainda, como relacionar algo tão natural e presente na vida humana, que é o medo, a realidade religiosa?

Tendo o aspecto histórico do medo vindo sendo revelado de forma esclarecedora, os aspectos sociais e ideológicos, psicológicos, etc., ainda estão em desenvolvimento, não somente no que se refere ao pentecostalismo, mas ao cristianismo de uma forma ampla. Desta forma, muito ainda se tem a contribuir para os estudos da religião no Brasil, sobretudo depois da comprovação da secularização da sociedade ocidental e das providências de desencantamento do mundo<sup>2</sup>, tornando cada vez mais complexa e desafiadora a investigação científica sobre religião, pois surgem novas formas de religião, como afirma Rubem Alves em *O Enigma da Religião*<sup>3</sup>.

Analisaremos este enigma focando no neopentecostalismo brasileiro através de uma perspectiva pouco analisada na contemporaneidade: o medo.

## 01. DEFINIÇÃO DE MEDO: DESAMBIGUAÇÃO DO TERMO.

Não são poucos os sentimentos que são naturais aos seres humanos e alguns são divididos com os animais, ao qual o medo é um deles. Tanto homens como animais diante de uma situação de perigo podem, devido ao medo, oscilar entre a agressão e a fuga. Já os seres humanos, podem sentir um medo que vai além, um medo “de segundo grau”, surge de uma sensação de insegurança, mesmo que a mesma não exista realmente, é um medo social, ou como chama Hughes Lagrange, um medo derivado, orientando o seu comportamento quer haja ou não uma ameaça imediata. Este medo é uma estrutura mental estável, sendo um sentimento de ser/estar suscetível ao perigo, trazendo sempre uma sensação de insegurança e vulnerabilidade, ou seja, a sensação de

---

<sup>2</sup> Conceito de Max Weber presente em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. Para uma melhor compreensão do conceito ver “O Desencantamento do Mundo: todos os passos de um conceito em Max Weber”, 2005.

<sup>3</sup> ALVES, Rubem. *O Enigma da Religião*. 2. Ed. Petrópolis Vozes, 1979.

estar em um mundo cheio de perigos que podem se abater sobre nós a qualquer momento com algum ou nenhum aviso prévio, e o desconforto de o perigo se concretizar, havendo pouca ou nenhuma chance de fugir ou de se defender com sucesso, jogando por terra a confiança nos mecanismos de defesa e acentuando a vulnerabilidade e, conseqüentemente, a insegurança. Desta forma, uma pessoa que tenha interiorizado a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo (BAUMAN, 2008).

Alarme, acovardamento, angústia, ansiedade, apavoramento, apreensão, assombro, aversão, covardia, desassossego, desbrío, enlouquecimento, fobia, ódio, raiva, horror, inquietação, inquietude, medo, pânico, pavor, pusilanimidade, receio, repulsa, sobressalto, susto, temor, terror, tremor, etc. O vocabulário do medo é imenso, e o campo semântico que constitui é muito rico e, curiosamente, discrimina muito pouco. Mas em Freud podemos encontrar uma definição. O termo central que Freud promove é o de angústia (*angst*).

O que é a angústia para a psicanálise? Freud foi o primeiro a fazer a angústia entrar para o vocabulário da psicologia. Freud deu à angústia um estatuto novo, ao descrever no fim do século XIX a *Neurose da Angústia* (FREUD, 1985). Ele desenvolve sucessivamente pelo menos duas teorias da angústia, fazendo um recorte neste abundante vocabulário do medo (VANIÉR, 2006).

Freud vai propor uma divisão de medo e angústia, sobre angústia, esclarece:

Expectativa angustiada. Não conheço melhor maneira de escrever o que tenho em mente senão por esse nome e acrescentando alguns exemplos. Por exemplo, uma mulher que sofre de expectativa angustiada pensará numa pneumonia fatal a cada vez que seu marido tossir quando estiver resfriado, e com os olhos da imaginação assistirá à passagem do funeral dele; se, dirigindo-se a sua casa, observar duas pessoas paradas à porta da frente, não poderá evitar a idéia de que um de seus filhos caiu da janela; quando ouvir baterem à porta, imagina que sejam notícias da morte de alguém, e assim por diante – sendo que, em todas essas ocasiões, não há nenhum fundamento específico para exagerar uma mera possibilidade. Naturalmente, a expectativa angustiada se esmaece e se transforma imperceptivelmente na angústia normal, compreendendo tudo o que se costuma

qualificar de ansiedade – ou tendência a adotar uma visão pessimista das coisas. [...]. (FREUD: 95)<sup>4</sup>

A angústia tem com o nosso corpo a mais estreita vinculação: designa um mal-estar psíquico, mas também (em alguns casos) físico. Para os psicanalistas a angústia é uma reação de nosso ser biológico cioso de preservar-se como vivo – o que o termo fobia (*phobos*: fuga) dá a entender.

Ao fazer a distinção entre medo e angústia ele distingue três categorias em função de sua relação com o perigo: em primeiro lugar, a angústia – *angst* – que se refere a um estado e “abstrai do objeto”, isto é, o perigo pode ser desconhecido e provoca um estado de espera e de preparação, um medo de algo que pode ou não ser real; em seguida, o medo *furcht*, que exige um objeto determinado e dirige sua atenção para este; por fim, o terceiro termo, *schreck*, isto é, pavor, pois, o pavor é efeito de um perigo que não é preparado por alguma forma de alerta, ou seja, não é preparado pela angústia, é marcado pela surpresa.

“Angst” é aparentado a “eng” palavra alemã que designa “estreito”, “restrito”, isto é, a referência é vinculada a sentimentos asfixiantes. A angústia não é sem objeto, mas esse objeto é fundamentalmente perdido. Parece sem objeto porque o que provoca é antes a iminência da presença do que a própria presença (VANIÉR, 2006).

Sendo assim, aquilo que aqui chamamos medo, na realidade seria mais correto dizer angústia (*angst*), pois, o medo que trabalharemos é um medo flutuante, ou como diria Bauman, um medo líquido, algo que não se pode capturar, apalpar, justamente porque não está vinculado a um objeto, a algo sólido, por isso, a metáfora do líquido usada por Zygmunt Bauman é importante para percepção do medo (*angst*), pois, como um líquido nas mãos escorre dentre os nossos dedos, o medo nos é líquido, é impalpável, não estando ligado diretamente a um objeto, é uma expectativa angustiante desprovida

---

<sup>4</sup> FREUD. Sigmund. Primeiras Publicações Psicanalíticas (1893-1899). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume III. Ed. Imago. Rio de Janeiro, 2006.

de fundamento. Numerosos estudos mostram que, nas consciências dos sofredores, esse medo líquido ou “medo derivado” é facilmente “desacoplado” dos perigos que o causam.

Bauman ainda irá dizer que “nossa sociedade líquido-moderna é um dispositivo que tenta tornar a vida com medo uma coisa tolerável” (Bauman, 2006). Ou seja, a sociedade nos instrui a viver com todos estes “medos”, pois, os mecanismos necessários estarão disponíveis oferecidos ou pelo Estado ou pela iniciativa privada. Desta forma, se percebe que o medo que tratamos aqui está dinamicamente vinculado a uma válvula de escape, a uma saída, a uma esperança. Por exemplo: se a ameaça for o desemprego, a válvula de escape está ligada ao seguro-desemprego; se é o roubo do veículo, o escape é o seguro do mesmo, ou ainda, a esperança de o veículo ser encontrado pelas autoridades; se for a morte, o “paraíso” é a esperança; se a pobreza, os projetos de transferência de renda como o *Bolsa Família* ou até mesmo a loteria se torna o horizonte; se uma percepção “fantasmagórica” ou “demoníaca”, as igrejas oferecem os exorcismos; etc. A esperança se torna fator fundamental de controle dos sentimentos angustiantes (o medo). Este controle se torna uma forma de ideologização social. Isto se torna necessário e esse trabalho necessário é feito, segundo Thomas Mathiesen, por meio do “silenciamento silencioso” – um processo “que é calado em vez de barulhento, oculto em vez de aberto, despercebido em vez de perceptível, invisível em vez de visto, etéreo em vez de físico”<sup>5</sup>. O “silenciamento silencioso” é: 01 - estrutural, pois é parte de nossa vida diária; 02 - é ilimitado e portanto está gravado em nós; 03 - é silencioso e assim passa despercebido e; 04 - é dinâmico no sentido de que, em nossa sociedade, ele se difunde e se torna continuamente mais abrangente. O caráter estrutural do silenciamento “exime” os representantes do Estado da responsabilidade por ele; seu caráter cotidiano o torna “inescapável” do ponto de vista dos que estão sendo silenciados; seu caráter irrefreado o torna especialmente eficaz em relação ao indivíduo; seu caráter silencioso o torna mais fácil de legitimar e seu caráter dinâmico o transforma num mecanismo de silenciamento

---

<sup>5</sup> Ver Thomas Mathiesen, *Silently Silenced: Essays on the Creation of Acquiescence in Modern Society*, Waterside Press, 2004, pp. 9-14.

cada vez mais digno de confiança. Isto é, o silenciamento silencioso é uma forma de controle ideológico.

O medo está presente de forma inescapável a todos os seres humanos. Nenhum ser humano está isento de seus efeitos. Nem ontem e nem hoje, e, muito provavelmente, também será nosso companheiro no futuro, isto porque o medo nasceu com o próprio homem, desde os seus ancestrais até o homo sapiens. É a primeira ferramenta de defesa, e, nos parece que não nos abandonará tão cedo. Entretanto, foi utilizado desde muito cedo como instrumento de persuasão e manipulação.

## **02. ASPECTOS HISTÓRICOS E CONTEMPORÂNEOS: AS DIFERENTES FORMAS DE CONCEPÇÃO DE MEDO EM UM MUNDO ENCANTADO E SECULARIZADO.**

Em História do Medo no Ocidente, Jean Delumeau utiliza uma citação de G. Ferrero dizendo que toda civilização é o produto de uma longa luta contra o medo<sup>6</sup>. Delumeau traz o medo sob uma perspectiva histórica e mostra que o medo é algo que sempre foi presente na história da humanidade. E uma questão importante que levanta é “por que esse silêncio prolongado sobre o papel do medo na história?”<sup>7</sup> Essa pergunta é a primeira e mais importante pista para podermos desmistificar o motivo que o medo tem sido “esnobado” pelos estudiosos da religião. A pesquisa do historiador francês se concentra entre 1300 e 1800, ou seja, em um período marcado por uma sociedade encantada<sup>8</sup>, uma sociedade não secularizada, onde a religião era o motor das convicções coletivas e individuais.

A sociedade moderna, contudo, é altamente secularizada, e por mais que as instituições religiosas e seus representantes queiram impor as suas normas morais sobre

---

<sup>6</sup> Jean Delumeau, 2009. p. 13.

<sup>7</sup> Jean Delumeau, 2009. p. 14.

<sup>8</sup> Utilizando novamente o conceito de Weber.

a sociedade a sociedade secularizada é resistente e vem, cada vez mais, limitado o espaço de ação dos religiosos na vida política. No Brasil, mesmo com quase 90%<sup>9</sup> de cristãos, e 22,5%<sup>10</sup> de uma população evangélica em sua maioria pentecostal, movimento ligado ao fundamentalismo religioso<sup>11</sup>, além de uma bancada evangélica em rápido crescimento está sendo incapaz de fazer valer legalmente as suas propostas “moralistas” religiosas. Isto acontece devido à ainda maioria parlamentar secular e a não unidade em prol do ideal moral religioso, uma vez que o catolicismo representa mais de 64%<sup>12</sup> da população brasileira, em sua maioria representada por católicos secularizados, não freqüentadores das missas, não preocupados com os apelos papais, desinteressadas pelas pautas morais religiosas, ou qualquer outra pauta que a Igreja esteja tentando colocar em seus fiéis. E a população protestante, por sua vez, é muito diversificada, tão diversa que Rubem Alves chega a afirmar “... quão difícil é saber e dizer o que é o protestantismo.”<sup>13</sup> E, justamente, devido a essa pluralidade, qualquer denominação evangélica, ou líder que se afirme como representante do movimento religioso é imediatamente desautorizado pelo próprio protestantismo no país, seja qual for a pauta, ideológica, teológica, e principalmente política, já que, normalmente, as posições políticas vem acompanhadas de interesses pessoais e denominacionais. Um exemplo recente na história brasileira é a eleição presidencial em 2010, onde o fundamentalismo católico e evangélico investiu contra a candidata do Partido dos Trabalhadores (PT), Dilma Rousseff, acusando-a de ser apoiadora da “causa gay” e do aborto, atéia e até mesmo, lésbica, sendo considerada a propagadora do “Império da Iniquidade”<sup>14</sup>. Como podemos perceber, vivemos em uma sociedade diferente daquela que Jean Delumeau focou a sua obra sobre o medo. Todavia, esse aspecto não secular da sociedade estudada pelo historiador francês pode contribuir para nossa investigação, já que investigaremos o medo

---

<sup>9</sup> IBGE, censo de 2010.

<sup>10</sup> IBGE, censo de 2010.

<sup>11</sup> BELOOTTI, Karina K.. Fundamentalismo e Intolerâncias, In.: Religião e Sociedade na América Latina. 2010, p. 143.

<sup>12</sup> IBGE, censo de 2010.

<sup>13</sup> ALVES, Rubem. Dogmatismo e tolerância. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 171.

<sup>14</sup> ALONSO, Leandro S. Entre Deus, Diabo e Dilma: as narrativas evangélicas fundamentalistas nas eleições 2010. Estudos de Religião. Editora Metodista. Vol. 27, No 1, 207, jan-jun 2013.

em uma sociedade secularizada que “conserva” o discurso de uma instituição que representa este “mundo encantado” como conceituaria Max Weber.

Para Delumeau, a palavra “medo” estava carregada de tanta vergonha que a escondiam, devido a uma confusão mental amplamente difundida entre medo e covardia, coragem e temeridade<sup>15</sup>.

Os temores dos homens e mulheres daquele tempo, descrito por Delumeau, partem de um contexto histórico onde abundam danças macabras, sermões apocalípticos e imagens do Juízo Final. Os temores daqueles personagens são os de pessoas que se sabem pecadores e temem o inferno.

Em nossa época, porém, o medo diante do inimigo tornou-se a regra. De sondagens efetuadas no exército americano na Tunísia e no Pacífico no decorrer da Segunda Guerra Mundial, resulta que apenas 1% dos homens declarou jamais ter tido medo.<sup>16</sup> Quer haja ou não em nosso tempo mais sensibilidade ao medo, este é um componente maior da experiência humana, a despeito dos esforços para superá-lo. E desta forma a necessidade de segurança é, portanto, fundamental; está na base da afetividade e da moral humanas. A insegurança é símbolo de morte, e a segurança símbolo de vida. O companheiro, o anjo da guarda, o amigo, o ser benéfico é sempre aquele que difunde a segurança.<sup>17</sup>

A luta contra os medos se tornou tarefa para a vida inteira, enquanto os perigos que os deflagram passam a ser considerados companhias permanentes e indissociáveis da vida humana. Nossa vida está longe de ser livre do medo, e o ambiente em que tende a ser conduzida está longe, livre de perigos e ameaças. A vida inteira é agora uma longa luta, e provavelmente impossível de vencer, contra o impacto potencialmente incapacitante dos medos e contra os perigos, genuínos ou supostos, que nos tornam

---

<sup>15</sup> Delumeau, 2009. p. 14.

<sup>16</sup> Delumeau, 2009. p. 22.

<sup>17</sup> Delumeau, 2009. p. 23.

temerosos.<sup>18</sup> Desta forma, o medo é permanente, é uma angústia ininterrupta e sem previsão para acabar. O homem é o único animal no mundo a conhecer o medo num grau tão temível e duradouro.

Diante de tão vastos motivos para se ter medo Bauman utiliza uma frase esclarecedora: “As oportunidades de ter medo estão entre as poucas coisas que não se encontram em falta nesta nossa época, altamente carente em matéria de certeza, segurança e proteção” (BAUMAN, 2008. p. 31).

O problema, porém, é que esses medos não fazem sentido facilmente. São ainda mais aterradores por serem tão difíceis de compreender; porém mais aterradores ainda pelo sentimento de impotência que provocam. Não tendo conseguido entender suas origens e sua lógica, e como afirmaria Bauman: “se é que seguem uma lógica”<sup>19</sup>.

Delumeau destaca que o medo era visto como algo vergonhoso, algo que não deveria fazer parte do caráter de um homem, desta forma, tanto na antiguidade como na medievalidade ocorre a exaltação do heroísmo. Surgem daí as estórias dos feitos de Hércules, Aquiles, Heitor, Ulisses e tantos outros. Na cultura medieval o herói é o cavaleiro, é o nobre, bravo, valente, e, principalmente, destemido. O herói é aqueles que os seus feitos são, sobremaneira, grandes, que o seu nome será lembrado por tempos e tempos. Homero, em a Ilíada, descrevera a repúdio de Aquiles por uma vida longa e feliz com a sua família em troca de uma vida curta, mas com uma morte heróica em guerra que faria o seu nome ser lembrado para todo o sempre. E, assim como na antiguidade, no mundo medieval, a aristocracia apresenta-se como “impermeável a todo temor”<sup>20</sup>.

Dom Quixote, preparando-se para uma batalha contra o exército de Alifanfaron, Sancho Pança timidamente lhe faz notar que se trata simplesmente de dois rebanhos de carneiros: “É o medo que tens, Sancho, que te faz entender tudo mal. Mas se teu pavor é tão grande, afasta-te [...]”, responderia dom Quixote.

---

<sup>18</sup> Bauman, 2008. p. 15.

<sup>19</sup> Bauman, 2008. p. 31.

<sup>20</sup> DELUMEAU, p. 15.

O arquétipo do cavaleiro sem medo é realçado pelo contraste com uma massa considerada sem coragem. Tal afirmação esteve incontestada por muito tempo. Da Antiguidade até a contemporaneidade, o discurso literário apoiado pela iconografia exaltou a valentia – individual – dos heróis. Era necessário que fossem assim, ou ao menos apresentados sob essa perspectiva. Inversamente, o medo era o quinhão vergonhoso – e comum – e a razão da sujeição dos plebeus. Com a Revolução Francesa, os plebeus conquistaram pela força o direito à coragem. Mas o novo discurso ideológico copiou amplamente o antigo e seguiu a tendência de camuflar o medo para exaltar o heroísmo dos humildes.

Medo e covardia não são sinônimos. No mundo medieval é difícil expor a diferença de ambos. Luís XI, considerado “inteligente, pudente, desconfiado” e que “suportou virtuosamente, e todas as outras coisas, até a morte [...]”, soberano criador de uma ordem de cavalaria<sup>21</sup> foi desprezado por vários de seus contemporâneos que o julgavam um “homem amedrontado”. Os temores de Luiz XI agravaram-se no fim da vida. Tinha extrema suspeita de todos, possuiu quatrocentos arqueiros como sua guarda pessoal. O seu maior medo era a morte. A psicologia do soberano não pode ser separada de um contexto histórico onde abundam danças macabras, sermões apocalípticos e imagens do Juízo Final. Os temores de Luíz são os de um homem que se sabe pecador e teme o inferno<sup>22</sup>. O mais nobre entre os nobres também sucumbiu aos temores de seu tempo.

Refinados que somos por um longo passado cultural, não somos hoje mais frágeis diante dos perigos e mais permeáveis ao medo do que nossos ancestrais? É provável que os cavaleiros de outrora, impulsivos, habituados à guerra e aos duelos e que se lançavam com impetuosidade nas disputas, fossem menos conscientes dos perigos do combate do que os soldados do século XX, portanto menos sensíveis ao medo. Quer haja ou não em nosso tempo mais sensibilidade ao medo, este é um componente maior da experiência humana a despeito dos esforços para superá-lo. Pois, o medo “nasceu com o homem na

---

<sup>21</sup> Ordem de São Miguel, criada em 1469

<sup>22</sup> DELUMEAU, p. 21.

mais obscura das eras”<sup>23</sup>. Os homens usam amuletos, os animais não os usam. Sartre escreve: “Todos os homens têm medo. Todos. Aquele que não tem medo não é normal, isso nada tem a ver com a coragem”<sup>24</sup>. A necessidade de segurança é, portanto, fundamental. Sem o medo nenhuma espécie teria sobrevivido.

No mundo moderno e em sua modernidade econômica, tudo é incerto, e onde o interesse está constantemente em jogo, o medo é contínuo. Os exemplos são inúmeros, a “quinta-feira negra” de 24 de outubro de 1929, em Wall Street, passando pela destruição em massa da Segunda Grande Guerra Mundial, o medo da “ameaça comunista” e do “Apocalipse Nuclear” em meio à Guerra fria. Em todos esses casos, houve pânico irrefletido por contágio de um verdadeiro medo do vazio. O elemento psicológico, isto é, a louca inquietação, ultrapassou a sã análise da conjuntura.<sup>25</sup> Não que não houvessem motivos para o medo, porém, o medo excessivo provoca uma espécie de “anestesiamento analítico” provocando exageros imensos.

Por toda parte, houve um aumento das advertências globais. A cada dia surgiam novas advertências globais sobre vírus assassinos, ondas assassinas, drogas assassinas, icebergs assassinos, carne assassina, vacinas assassinas, assassinos assassinos e outras possíveis causas de morte iminente. De início, essas advertências globais eram assustadoras, mas depois de um tempo as pessoas passaram a se divertir com elas.<sup>26</sup>

De fato, saber que este é um mundo assustador não significa viver com medo – Pelo menos não o tempo todo –, afinal, temos um volume mais do que suficiente de estratégias sagazes, os quais podem nos ajudar a evitar essas eventualidades horripilantes.<sup>27</sup> Lutamos, no mundo moderno, com todas as nossas forças para tornar a vida com medo uma coisa tolerável.

[...] há muitos infortúnios sendo proclamados iminentes do que aqueles que acabam realmente ocorrendo (...). Que computador foi danificado pelo “bug do milênio”? Quantas pessoas você conhece que foram vítimas dos ácaros de

<sup>23</sup> DELPIERRE, G. La peur et l'être, p. 27.

<sup>24</sup> SARTRE, J-P. Le sursis. Paris, 1945, p.56.

<sup>25</sup> DELUMEAU, pp. 27-28.

<sup>26</sup> Ver Craig Brown, 1966 and All that, Hodder and Soughton, 2005; IPUD BAUMAN, 2008, p. 12.

<sup>27</sup> BAUMAN. p. 12.

tapete? Quantos amigos seus morreram da doença da vaca louca? Quantos conhecidos ficaram doentes ou inválidos por causa de alimentos geneticamente modificados? Qual de seus vizinhos e conhecidos foi atacado e mutilado pelas traiçoeiras e sinistras pessoas em busca de asilo? Os pânticos vêm e vão, e embora possam ser assustadores, é seguro presumir que terão o mesmo destino de todos os outros.<sup>28</sup>

A vida flui ou se arrasta de um desafio para outro e de um episódio para outro, e o hábito comum dos desafios e episódio é sua tendência a terem vida curta. Pode-se presumir o mesmo em relação à expectativa de vida dos medos. Além disso, muitos medos entram em nossa vida juntamente com os remédios sobre os quais muitas vezes você ouviu falar antes de ser atemorizado pelos males que esses prometem remediar.

Os iluministas vislumbravam a proeza de domar os medos. Na sociedade moderna, contudo, a luta contra os medos se tornou tarefa para a vida inteira, enquanto os perigos que os deflagram passaram a ser considerados companhias permanentes e indissociáveis da vida humana. Nossa vida está longe de ser livre do medo, e o mundo moderno está longe de ser livre de perigos e ameaças. A vida inteira é agora uma longa luta, e provavelmente impossível de vencer<sup>29</sup>, contra o impacto potencialmente incapacitante dos medos e contra os perigos, genuínos ou supostos, que nos tornam temerosos.

A sociedade moderna é marcada pelos esforços comerciais para criar uma atmosfera de medo e depois para amenizar o medo e estimular o consumo, fazendo deste o único remédio para os temores modernos: “[...] porque se preocupar agora?! Melhor seguir aquela receita muito antiga: *carpe diem*. Em termos simples: aproveite agora, pague depois [...]”<sup>30</sup> Ou, estimulado por uma versão mais nova da sabedoria antiga, atualizada por cortesia das companhias de cartão de crédito: não deixe para depois o que você pode fazer agora. Reconhecidamente, o futuro está fora do nosso controle. Mas o cartão de crédito, magicamente, traz esse futuro evasivo direto para você, que pode consumir o futuro, por assim dizer, por antecipação.

---

<sup>28</sup> BAUMAN, p. 14.

<sup>29</sup> BAUMAN, p. 15.

<sup>30</sup> BAUMAN, p. 16.

As cadernetas de poupança também apresentam a economia como motor da sociedade moderna. Elas prosperam na esperança de que o que se está sendo feito neste momento, no presente, irá se apropriar do “depois”, amarrando o futuro antes que ele chegue.<sup>31</sup> O futuro é incerto. O incerto produz medo. O futuro é amedrontador. Ligar o presente ao futuro é uma estratégia através do medo para superação do próprio medo – pelo menos em partes.

Neste contexto, a mídia se tornou o grande promotor do medo. O fato de nossos temores não serem absolutamente imaginários pode ser confirmado pela autoridade dominante da mídia, que defende uma realidade que não se pode ver nem tocar sem a ajuda dela. Desta forma, “as oportunidades de ter medo estão entre as poucas coisas que não se encontram em falta nesta nossa época”<sup>32</sup>

Esses medos, ou, essas angústias, não fazem sentido facilmente. Como surgem um a um numa sucessão contínua, eles desafiam nossos esforços (se é que nos esforçamos) para estabelecer ligações entre eles mesmos e encontrar suas raízes comuns. Esses medos são ainda mais aterradores por serem tão difíceis de compreender, porém, mais aterradores ainda pelo sentimento de impotência que provocam. Não tendo conseguido entender suas origens e sua lógica, também estamos no escuro e na incerteza quando se trata de tomar precauções. Simplesmente nos faltam ferramentas e habilidades. Os perigos que tememos transcendem nossa capacidade de agir; até agora não chegamos sequer ao ponto de podermos conceber claramente como seriam as ferramentas e habilidades adequadas a essa tarefa, que dirá conseguir começar a planejá-las e criá-las.

### **03.O NEOPENTECOSTALISMO E O USO DO MEDO COMO INSTRUMENTO DE PERSUASÃO.**

---

<sup>31</sup> BAUMAN. p. 17.

<sup>32</sup> BAUMAN. p. 31.

Mas o que queremos aqui é construir uma “ponte” entre esse medo que é natural, presente, contínuo, e ao mesmo tempo, desvinculado de seu objeto com a religiosidade neopentecostal no nosso país.

Mas o que é o famigerado movimento neopentecostal?

Ao longo das últimas três décadas o movimento neopentecostal brasileiro se espalhou notavelmente pelo país, diversificando de maneira significativa o cenário evangélico. As igrejas afiliadas ao movimento compõem o segmento que mais cresce no evangelicalismo brasileiro. Esse movimento, conhecido algumas vezes como neopentecostalismo, outras vezes como pentecostalismo da terceira onda ou pentecostalismo autônomo, tem se espalhado de maneira expressiva pelo Brasil.

Esse movimento tem sua origem nos primeiros ramos do pentecostalismo na primeira década do século XX no Brasil, isto é, a Igreja Evangélica assembléia de Deus e a congregação Cristã no Brasil. Esses ramos, pelo que se sabe, nunca deram ênfase à cura divina. Foi no início da década de 1950 que o movimento de cura se instalou de modo claro no Brasil. E, diante de uma cultura de pobreza em um país subdesenvolvido como o Brasil, o movimento de cura divina é popularizado. Na década de 50 chegou ao Brasil a igreja do Evangelho Quadrangular, igreja fundada pela canadense Aimee Semple McPherson e através de sua teologia estabeleceu no Brasil o movimento de cura divina e segunda vinda de Cristo.

A partir daí, várias igrejas foram surgindo com os mesmos princípios da Igreja do Evangelho Quadrangular, *O Brasil para Cristo*, *Deus é Amor* e muitas outras pequenas denominações. Esse movimento seria chamado de pentecostalismo da segunda onda.

Já a chamada terceira onda, ou ainda, pentecostalismo independente, ou simplesmente, neopentecostalismo, que sem raízes históricas na Reforma do século XVI, surgiu (e surge ainda) de divisões teológicas ou políticas nas “denominações históricas” à partir da segunda metade do século XX. Tem como especificidades sua composição em torno de uma “liderança carismática”, a

pregação da Teologia da Prosperidade e da Guerra Espiritual, a prática constante de exorcismos e curas milagrosas e o rompimento com o ascetismo pentecostal histórico [...]. (CUNHA: 2007)<sup>33</sup>.

A professora Magali N. Cunha enumera algumas características para uma possível identificação do que é o neopentecostalismo: 01) liderança carismática; 02) pregação da teologia da Prosperidade; 03) prática constante de exorcismos e curas milagrosas e; 04) o rompimento com o ascetismo pentecostal histórico. Nestes quatro pontos poderemos perceber como o discurso neopentecostal, através da Teologia da Prosperidade, conseguiu moldar o discurso religioso de acordo com as necessidades do mercado capitalista. A Teologia da Prosperidade, também chamada de “evangelho da saúde e da prosperidade”, “palavra da fé”, “movimento da fé”, ou ainda “Confissão Positiva”, ensina que qualquer sofrimento do cristão indica falta de fé. Assim, a marca do crente cheio de fé e bem-sucedido é a plena saúde física, emocional e espiritual, além da prosperidade material. Pobreza e doença seriam resultados visíveis do fracasso do fiel que vive em pecado ou possui fé insuficiente.<sup>34</sup>

Pois bem, como diria Delumeau “nada é mais difícil de analisar do que o medo, e a dificuldade aumenta ainda mais quando se trata de passar do individual ao coletivo”<sup>35</sup>. Mas, o que se entende por coletivo?

[...] geralmente, os caracteres fundamentais da psicologia de uma multidão são de sua capacidade de ser influenciável, o caráter absoluto de seus julgamentos, a rapidez dos contágios que a atravessam, o enfraquecimento ou a perda do espírito crítico, a diminuição ou o desaparecimento do senso da responsabilidade, a subestimação da força do adversário, sua capacidade de passar subitamente do horror ao entusiasmo e das aclamações às ameaças de morte.” (DELUMEAU, 2009. pp. 31,32).

Delumeau faz uma declaração, se concentrando sobre o caráter influenciável e, conseqüentemente, da perda do espírito crítico em meio a um grupo, uma multidão, uma

<sup>33</sup> CUNHA, M. N. A Explosão Gospel: Um Olhar das Ciências Humanas sobre o Cenário Evangélico Contemporâneo. Rio de Janeiro. MAUAD, 2007. p. 15.

<sup>34</sup> ROMEIRO, Paulo. Super Crentes: O Evangelho Segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os Profetas da Prosperidade. São Paulo. Mundo Cristão, 2007. p. 19.

<sup>35</sup> DELUMEAU, p. 29.

comunidade. Isto é, Delumeau afirma que o a disseminação do medo é mais comum em grupos. Sendo assim, comunidades religiosas estariam inseridas dentro desta lógica proposta por Delumeau? Afinal, todas as comunidades religiosas são, como o próprio nome indica, comunidades, grupos, coletivos. Dentro desta lógica, nenhuma religião está distante de se utilizar do discurso do medo, pois, é a religião “um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos”<sup>36</sup>. E, utilizando a análise do historiador francês, que diz respeito ao caráter religioso ocidental do medo junto com o levantamento feito por Bauman, onde afirma que o medo contemporâneo é produzido pela e para a economia. Podemos incluir o movimento neopentecostal brasileiro como um reprodutor do discurso do medo?

O medo poderia ser utilizado no nível coletivo? O adjetivo “coletivo” pode ser usado tanto por uma multidão em fuga quanto por uma multidão sufocada de apreensão em consequência de um sermão sobre o inferno<sup>37</sup>. É provável que as reações de uma multidão tomada de pânico ou que libera subitamente sua agressividade resultem em grande parte da adição de emoções-choques pessoais tais como a medicina psicossomática nos faz conhecê-las.

Os fiéis dentro das igrejas neopentecostais vão em busca de conforto espiritual, além de realizações pessoais, como o emprego tão sonhado, a saúde esperada, etc. Essas igrejas oferecem aos seus fiéis justamente o que estão procurando. É uma relação de troca lógica e evidente. Um “toma lá da cá”. O fiel oferece os seus dízimos, ofertas e orações e deus lhes retribui com bons empregos, saúde física e carros do ano. Na teologia desse movimento, deus é um ser muito bom, que tudo pode dar, porém, pode ser também um deus muito preocupado com a atitude de seus fiéis, a ponto de recusar-lhes algo se forem “infiéis” ao não “estenderem a mão” para a “obra de deus”.

A atmosfera dos cultos é perpetrada por palavras animosas como: “deus vai te curar”, “deus te chamou por cabeça e não por cauda”, “você nasceu para ser vitorioso”,

---

<sup>36</sup> SILVA, Eliane Moura. Religião: da Fenomenologia à História. In. Religião e Sociedade na América Latina. Editora Metodista, São Bernardo do Campo, SP. 2010, p. 11.

<sup>37</sup> DELUMEAU, p. 31.

“ninguém sairá daqui sem a sua benção”. Muitas são as frases reafirmando a benção de deus para o fiel.

Contudo, existe uma atmosfera “pesada” geradora de medo através dos constantes rituais de exorcismos. No exorcismo, na maioria dos casos, a pessoa “possuída” se contorce e os seus músculos ficam enrijecidos, a respiração fica ofegante, a pessoa começa a soar, além do costumeiro interrogatório realizado pelo pastor, bispo, etc., no interrogatório, a voz da pessoa “possuída” não é a mesma voz da pessoa habitualmente, é uma voz distorcida e “horripilante”. Isto, acompanhado do discurso do pastor ligando a possessão demoníaca aos problemas daquela pessoa, à destruição da vida dela e a todo tipo de problema, desgraça ou ameaça que aquela pessoa possa ter. As causas de todos os problemas delas são transferidas da esfera social para a esfera mítica religiosa. O problema do baixo salário ou do desemprego não é mais a sua má formação profissional advinda de uma educação precária em um país subdesenvolvido que detém uma das maiores concentrações de renda do mundo. Os seus problemas agora são motivados pelo demoníaco presente em sua vida a fim de destruí-la.

O diabo é muito presente nestes cultos e, portanto, na vida destes fieis, de forma que o imaginário do demoníaco não consegue mais ser assimilado em uma dissociação com a vida social do indivíduo crente nesta teologia neopentecostal.

Em Delumeau, o motor gerador do medo era o diabo e o mal. Na sociedade moderna, o medo é expresso como tudo aquilo que pode lhe trazer a tona o mal. O diabo deixa de ser o grande promotor do mal e é substituído pelas contradições da própria economia no cerne da sociedade capitalista. Já a teologia promovida pelas igrejas neopentecostais consegue unir a tradição do medo histórico religioso com a ampla e difusa cultura do medo gerado pelo capital, em uma sociedade, por assim dizer, secularizada.

O diabo dentro das igrejas neopentecostais é o desemprego, a doença, a pobreza repentina. Esse movimento não nega que os problemas sociais são de autoria do fator

demoníaco. Esse discurso é o discurso mágico em meio a uma sociedade secularizada, como uma alternativa a mais para explicação dos problemas do mundo. É uma junção de medo em uma sociedade mágico-religiosa com o medo em uma sociedade moderno-secularizada.

Se o desemprego e pobreza estão ligados à falta de fé ligada diretamente no exercício dessa fé manifesta na entrega de dízimos, trízimos<sup>38</sup>, ofertas, etc., o fiel faz uma assimilação direta de suas dificuldades financeiras com a sua “suposta” infidelidade. Da mesma forma ocorre com a doença, o fiel se sente culpado por sua pobreza devido ter sido “infiel” ao não dar a “deus” os valores exatos do dízimo e das ofertas requeridas pelo líder religioso durante os cultos.

O infiel se sente motivado a realizar doações levado a crer que todas as suas “desgraças” estão ligadas à sua infidelidade. Sendo assim, entregar dízimos é algo normal, pois, o contrário significaria uma severa punição divina. Câncer, pneumonia, tuberculose, leucemia, etc., são vistas como penalidades que deus imputaria somente àqueles que não fossem rigorosamente fieis. Assim, o medo passa a ser companheiro constante destes indivíduos. Cada moeda lançada é acompanhada de um sentimento de alívio de ser acometido de uma doença repentina. Ou ainda, de integrar as fileiras do desemprego causado pela última crise financeira. Mas essa sensação de alívio é sempre passageira, pois, mensalmente, deus vem cobrar a sua fidelidade numa medida maior e quase que diariamente em uma medida menor nos cultos através das ofertas voluntárias.

A fé do sujeito é amarrada nesta lógica que envolve o conforto social, deus, o demônio, a desgraça e o medo. Deus é o autor da bondade, do conforto e de uma vida feliz e com muito dinheiro, já o demônio é o responsável por todas as “desgraças” da humanidade, porém, o demônio só poderia agir sobre a humanidade com o aval da própria humanidade, pois, se ela (a humanidade) fosse fiel a deus não haveria nenhum tipo de desgraça. A forma com que esse discurso é enraizado no sujeito fiel

---

<sup>38</sup> Doutrina presente em algumas igrejas neopentecostais que consiste em doar o dízimo (10% do salário) vezes três, isto é, 10% para o pai, 10% para o Filho e 10% para o Espírito Santo.

neopentecostal é o discurso amedrontador presente no momento de explicitar o que é deus e o que é o diabo e porque ele atua sobre o mundo e deus não o impede. Temerosos com a explicação do líder religioso os fieis se entregam a “qualquer” tipo de discurso.

O fator “coletivo” colabora para a disseminação do discurso do medo, pois, se muitas pessoas concordam sobre um determinado discurso, muito provavelmente este discurso deve estar certo. E não somente isto. Muitas pessoas presentes nestas igrejas, realmente, alcançam o tão desejado emprego, conseguem comprar o carro novo, são curadas de suas doenças. O maior exemplo, sempre é o “servo de deus”, isto é, o líder religioso, apresentado como homem que passou muitas dificuldades, sofreu durante muito tempo, até o dia que compreendeu o “verdadeiro” significado da palavra FÉ a partir daí pode desfrutar de uma vida como um “real servo de deus” cheio de riquezas, saúde, alegria e conforto.

Diante de tamanho exemplo de fé, os fieis “lutam” para alcançar a fé do “homem de deus” fazendo as mesmas coisas que ele fizera e faz. Primeiro se compreende o significado de fé dentro da bíblia e depois o põe em prática. A forma mais eficaz de pô-lo em prática é através das doações. Desta forma os seguidores levam “aos montes” suas ofertas e dízimos como prova material de sua fé. “Ninguém” quer ser pobre, nem estar doente. “Todos” querem estabilidade financeira e saúde. Estando dentro de um ambiente religioso que reafirma esses desejos que já estão presentes na sociedade de uma forma geral, este ambiente se torna o lugar “perfeito” para se alcançar os objetivos dos indivíduos. Isto atrelado ao sugestionamento do medo corriqueiramente, cria o ambiente perfeito para um discurso, supostamente, persuasivo.

O discurso neopentecostal e como ele estaria agindo de modo a persuadir a través da disseminação das incertezas. A respeito disto, Douglas Teixeira Monteiro afirma:

Nesses movimentos, a clássica função das religiões, ligadas à construção de mundos com sentido, foi suplantada pela função de controle das incertezas. Esses são os demônios contra os quais lutam. (MONTEIRO & ALVES, 1982. p. 107).

O medo angústia que aqui definimos desde o começo e que também é utilizado por Delumeau e Bauman é, justamente, a manutenção das incertezas. No ambiente neopentecostal as incertezas são afirmadas e reafirmadas. Em mentes incertas se torna mais fácil a produção de supostas certezas.

## CONCLUSÃO

O que poderia ser mais incerto do que o próprio medo? A relação da religiosidade é bem antiga, para Tomás de Aquino, por exemplo, o medo não é a mesma coisa que coerção, mas, o objeto do medo seria o mal. Mas o mal, para ele, poderia vir de deus. Em outras palavras, a análise tomista afirma que os seres humanos temessem a falta de fé e a punição de seus pecados. Deus teria criado o medo, que é um mal, por uma boa causa e conclui que deus seria a causa de todo o medo (EISEMBERG:2005).

O movimento neopentecostal brasileiro se apropriou de forma contundente e eficaz de uma “teologia do medo” com caráter proselitista desde seu nascedouro (visto que o proselitismo não é característico somente do neopentecostalismo, mas do cristianismo de uma forma geral) importando teologias estadunidenses e se alastrando na comunidade evangélica brasileira desde meados dos anos 1970.

Sendo assim, a pretensão deste artigo foi mostrar que existe uma antiga relação do medo com o cristianismo, principalmente com o pentecostalismo. Trazendo à superfície a apropriação do medo pelo movimento neopentecostal no Brasil com o objetivo acadêmico de análise e expansão do conhecimento. Aqui, pretendemos compreender como o medo social contemporâneo foi adaptado ao discurso religioso da terceira onda do pentecostalismo em nosso país.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, **Suma teológica**. Tomo VII. La Editorial Católica: 1959.

BARP, José Wilson. BRITO, Daniel Chaves de. **Ambivalências e Medo: Faces dos Riscos na Modernidade**. Scielo. Porto Alegre, RS: p. 20-47, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Editora Zahar. Rio de Janeiro: 2008.

BLEDSOE, David Allen. **O Movimento Neopentecostal Brasileiro: Um Estudo de Caso**. Editora Hagnos. São Paulo: 2012.

CUNHA, Magali N. **A Explosão Gospel: Um olhar das Ciências Humanas Sobre o Cenário Evangélico Contemporâneo**. Rio de Janeiro. Mauad: 2007.

DELUMEAU, Jean. **A História do Medo no Ocidente: 1300-1800**. Cia das Letras. São Paulo: 1989.

EISEMBERG, José. **O Político do Medo e o Medo da Política**. Scielo. Rio de Janeiro: p. 49-61, 2005.

FREUD, Sigmund. **Primeiras Publicações Psicanalíticas**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume III. Ed. Imago. Rio de Janeiro: 2006.

HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. Martins Editora. São Paulo: 1991.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo Pentecostalismo Brasileiro**. Edições Loyola. São Paulo: 1999.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a Graça: Esperanças e Frustrações no Brasil Neopentecostal**. Mundo Cristão. São Paulo: 2005.

---

\_\_\_\_\_. **Super Crentes: O Evangelho Segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os Profetas da Prosperidade.** Mundo Cristão. São Paulo: 2007.

SILVA, Eliane Moura. **Religião: Da Fenomenologia à História.** In.: Religião e Sociedade na América Latina. Ed. Metodista. São Bernardo do Campo, SP: 2010.

VANIER, Alain. **Temos medo de Que?** Scielo. Rio de Janeiro: 2006.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** Cia das Letras. São Paulo: 2004.